

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

SIMONE SERAFIM CIRINO DE SOUZA
simone.cirino@ig.com.br

**RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: FERRAMENTA IMPORTANTE NO
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

**ESPECIALIZAÇÃO EM PRÁTICAS REFLEXIVAS E ENSINO-
APRENDIZAGEM DE INGLÊS NA ESCOLA PÚBLICA**

**SÃO PAULO
2014**

SIMONE SERAFIM CIRINO DE SOUZA

**RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: FERRAMENTA IMPORTANTE NO
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, como exigência parcial para obtenção do título de Especialista em Práticas Reflexivas e Ensino-Aprendizagem de Inglês na Escola Pública, sob a orientação da Professora Mestre Márcia Mathias Pinto.

**SÃO PAULO
2014**

SOUZA, Simone Serafim Cirino de
RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: FERRAMENTA IMPORTANTE
NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

50 f. 2014.

Orientadora: Profa. Ms. Marcia Mathias Pinto

Monografia – Curso de Especialização em Práticas Reflexivas e
Ensino-Aprendizagem de Inglês na Escola Pública
COGEAE – PUCSP

Área de Concentração:
Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem
Linguagem e Educação

Palavras-chave: Afetividade, interesse e aprendizagem

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e/ou científicos, a
reprodução total ou parcial desta monografia, por processos de
fotocópia ou eletrônicos, desde que citada a fonte.

Assinatura: _____
Simone Serafim Cirino de Souza

São Paulo, 13 de fevereiro de 2015.

Dedicatória

À Deus, por me capacitar durante toda
minha existência.

Agradecimentos

À minha orientadora Prof^a Ms. Márcia Mathias Pinto, pela atenção e paciência dispensadas durante toda a elaboração deste projeto, e em especial por me fazer acreditar em meu potencial.

À Prof.^a Dr^a Maria Antonieta Alba Celani, idealizadora deste curso “Práticas Reflexivas e Ensino-Aprendizagem de Inglês na Escola Pública”.

A todos os professores do Curso de Especialização “Práticas Reflexivas Ensino-Aprendizagem de Inglês na Escola Pública”, pelos conhecimentos transmitidos à mim durante esta trajetória.

Aos amigos matriculados neste curso, com os quais aprendi muito e partilhei conhecimento.

Ao meu esposo Deoclécio, companheiro de toda uma vida, pelo incentivo, mesmo nos momentos em que me fiz ausente.

Aos meus filhos Danilo, Sthefanie e João Pedro, por perceberem a importância deste projeto e entenderem minha ausência.

À minha família, pai, mãe, irmãos e irmãs, pelo apoio e incentivo para a realização dos meus projetos de vida.

À Direção e professores da unidade escolar na qual atuo e onde realizei esta pesquisa por colaborarem para o início e continuidade deste trabalho.

Aos alunos participantes deste projeto e aos seus responsáveis, por permitirem que eu partilhasse um pouco mais de suas vidas.

RESUMO

O professor de Língua Inglesa , assim como de outras disciplinas da escola pública, vive atualmente, um cenário no qual tenta desenvolver o conteúdo em sala, mas percebe que alguns alunos não se sentem motivados para a realização das atividades propostas. Tal realidade se deve aos inúmeros problemas pelos quais o ensino público passa, fatores estes que dificultam o estreitamento de laços entre professor e aluno. Dentre eles podemos citar: a indisciplina e o grande número de alunos em sala de aula. Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo observar um grupo de alunos do Ensino Fundamental da rede pública estadual de São Paulo e verificar de que modo a afetividade pode ser, ou não, um elemento motivador que influencie no interesse e no aprendizado desses alunos.

A fundamentação teórica deste estudo foi baseada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) para Língua Estrangeira assim como em alguns autores que abordam a questão afetiva relacionando-a com aprendizagem. Dentre esses autores destacamos Carl Rogers, precursor da Psicologia Humanista e criador da Abordagem Centrada na Pessoa, além do artigo da Prof.^a Dr.^a. Vera Cabrera Duarte, do curso de Psicologia da Educação da PUC.

Este trabalho foi desenvolvido em uma escola da rede pública estadual de ensino localizada no extremo leste da cidade de São Paulo. Participaram deste trabalho, a princípio vinte e cinco alunos do Ensino Fundamental (6^a série/ 7^o ano), dos quais foram selecionados apenas três. Desse modo, os dados foram coletados através de um questionário e também por meio de diários reflexivos, durante os meses de abril a agosto de 2014.

Através dos resultados obtidos, pode-se concluir que as atitudes facilitadoras de Carl Rogers tiveram influência na mudança de postura dos alunos em relação ao interesse para o aprendizado de inglês e que o contato entre aquele que ensina e aquele que aprende, ou seja, professor-aluno contribui muito na assimilação dos conteúdos ensinados.

Palavras-chave: afetividade, interesse e aprendizagem.

Sumário

Introdução	1
Capítulo 1 – Fundamentação Teórica	6
1.1 A língua estrangeira nos PCNs	6
1.2 Afetividade e ensino-aprendizagem de língua inglesa	7
1.3 Atitudes facilitadoras de Rogers.....	9
Capítulo 2 – Metodologia de Pesquisa.....	13
2.1 A abordagem metodológica.....	13
2.1.1 Contexto de Pesquisa.....	14
2.1.2 Participantes da Pesquisa	14
2.1.3 Instrumentos e procedimentos de coleta	15
2.1.4 Procedimentos de análise	16
Capítulo 3 – Apresentação e discussão dos dados.....	19
3.1 Questionário.....	19
3.1.1 Relação com a aprendizagem de Inglês.....	20
3.1.2 Relação com o professor de inglês.....	22
3.2 Ações da professora e reações dos alunos.....	23
3.2.1 Felipe.....	23
3.2.2 Gabrielle.....	26
3.2.3 Marcos.....	30
Considerações Finais.....	36
Referências Bibliográficas.....	38
Anexos.....	39
Documento do Comitê de Ética – PUC SP.....	48

LISTA DE QUADROS

Quadro 2.1: Média de aproveitamento da classe por disciplina	15
--	----

Quadro 2.2: Verbos de ação: professor e aluno	17
Quadro 3.1: Percepção de conhecimento de inglês	20
Quadro 3.2: Percepção de interesse	20
Quadro 3.3: Percepções sobre dificuldades para aprender inglês.....	21
Quadro 3.4: Percepções sobre atitudes do professor que interferem na aprendizagem.....	21
Quadro 3.5: Percepções sobre a relação ideal professor-aluno.....	22

INTRODUÇÃO

“Não há ensino sem pesquisa, nem pesquisa sem ensino. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago”.

Paulo Freire (2011)

Ingressei em concurso para a área da Educação do Estado de São Paulo em 1992, em alguns momentos atuando em contato direto com os alunos, e em outros, elaborando papéis relacionados à vida funcional dos professores da rede. Durante os doze anos em que exerci tais atividades, situações marcantes de interação com pais e alunos contribuíram para a minha formação ao lidar com conflitos relacionados à indisciplina, aprendizagem ou até de cunho familiar.

Algumas situações conciliadoras refletem-se até nos dias de hoje, pois ao reencontrar esses alunos, agora adultos, estes me cumprimentam, lembrando esses acontecimentos remotos, deixando transparecer que minha intervenção naquele momento foi de certa forma importante em suas vidas. Percebo que para mim também foi significativa, no sentido de fazer-me vislumbrar soluções relacionadas à dimensão afetiva para algumas situações que viria a enfrentar no futuro.

Essa interação fez brotar em mim o desejo de ir além. Dessa forma, comecei o curso de graduação em Letras, com habilitação em Português e Inglês, e após a conclusão, me inscrevi no concurso para professor da rede Estadual de Ensino, sendo aprovada para dar aulas de Português e Inglês.

Ingressei como professora no ano de 2005 nos dois cargos, mas já sentia dificuldade em relação ao conteúdo a ser ministrado. Apesar de nutrir uma afeição pela Língua Inglesa desde tenra idade, nunca tive recursos financeiros para frequentar um curso de línguas, por essa razão, meu conhecimento nesse seguimento se limitava àquele assimilado na faculdade. Iniciei então, em 2007, um curso online denominado “Interaction Teachers”, oferecido pela CENP¹ que tinha duração de três semestres. Quando tive oportunidade de reduzir minha jornada, em

1. CENP: Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, órgão executor da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo.

2011 comecei um curso presencial na Cultura Inglesa para professores de inglês que atuavam na rede pública. Durante esse tempo, aprendi muito, seja ao que se refere ao conteúdo, como também à didática utilizada pelos professores dessa entidade e tal aprendizado reflete até hoje nas minhas aulas.

Apesar de sanar parte dos meus problemas em relação ao conteúdo a ser transmitido, o conflito e as dificuldades em sala de aula agora tinham outro foco: o desinteresse de alguns alunos nas aulas de inglês e é neste contexto escolar que desenvolvo meu trabalho de pesquisa.

Esta pesquisa teve como elemento motivador algumas inquietações pessoais que surgiram em um contexto de sala de aula da 6ª série ou 7º ano, no qual, como professora de inglês, me questionava por qual motivo alguns alunos não se sentiam predispostos a aprender e realizar as atividades da minha disciplina.

Nesse panorama, muitos alunos chegam nessa série sem o conhecimento básico que deveria ter sido assimilado no ano anterior, seja pela falta de professores ou segundo os próprios alunos alegavam, por terem tido uma professora muito brava. Logo, esses poderiam ser alguns dos fatores que colaborariam para este quadro. Mesmo após algumas revisões do conteúdo, percebia que a resistência dos alunos à participação nas atividades das aulas de inglês se mantinha e assim passava o ano e os problemas continuavam, tornando-se maiores, pois além da aprendizagem não ter acontecido, alguns alunos pareciam criar certa aversão pela disciplina de língua inglesa.

Percebo que o professor de Língua Inglesa, assim como de outras disciplinas da escola pública, vive atualmente um cenário no qual tenta desenvolver o conteúdo em sala, mas percebe que alguns alunos não se sentem motivados para a realização das atividades propostas. Tal realidade se deve aos inúmeros problemas pelos quais o ensino público passa, como por exemplo, a indisciplina e o grande número de alunos em sala de aula, fatores estes que dificultam o estreitamento de laços entre professor e aluno.

Leciono na mesma escola há nove anos ministrando aulas de Português e Inglês e durante este tempo percebi que quando o professor passa um tempo maior em contato com seus alunos, no qual se pode estreitar relações, se inteirar

dos problemas sociais e familiares que os afetam, aprender a chamá-los todos pelo nome fato este que não se consegue, quando se tem um grande número de alunos, que todos esses fatores podem, de certa forma, contribuir para o aprendizado dos alunos.

Tais observações passaram a fazer sentido para mim, quando matriculada no curso “Práticas Reflexivas e Ensino-Aprendizagem de Inglês na Escola Pública”, ministrado pela PUC/SP, iniciei o módulo sobre o componente afetivo e pude associar a teoria proposta à minha prática em sala de aula. Um dos autores com o qual tive grande afinidade e que analisamos durante o curso foi Carl Rogers, que sobre a facilitação da aprendizagem pondera:

“Quando o professor tem a capacidade de compreender internamente as reações do estudante, tem uma consciência sensível da maneira pela qual o processo de educação e aprendizagem se apresenta ao estudante, então, mais uma vez, aumentam as probabilidades de uma aprendizagem significativa.” (Rogers, 1986. p.142).

Os fatores aqui mencionados levaram-me a querer investigar mais sobre o tema e buscar respostas no sentido de relacionar afetividade e aprendizagem. Em relação ao professor reflexivo, Perrenoud explica que:

“Um professor reflexivo não para de refletir a partir do momento em que consegue sobreviver na sala de aula, no momento em que consegue entender melhor sua tarefa e em que sua angústia diminui. Ele continua progredindo em sua profissão mesmo quando não passa por dificuldades e nem por situações de crise, por prazer ou porque não o pode evitar, pois a reflexão transformou-se em uma forma de identidade e de satisfação profissionais.” (Perrenoud, 2002. p.43)

O tema desta pesquisa, “Relação professor-aluno: ferramenta importante no processo de ensino aprendizagem” busca investigar sobre o papel do professor como agente na aprendizagem do aluno, partindo do pressuposto de que se for criado um ambiente de confiança e respeito, poderá ser despertado no aluno maior interesse para o aprendizado assim como estimular a sua participação nas aulas de Língua Inglesa.

Tendo percorrido sobre minhas inquietações e reflexões sobre o cenário atual no qual trabalho, passo a explicar como desenvolverei esta pesquisa. Analisando alguns trabalhos elaborados com este tema, deparei-me com trabalhos

desenvolvidos por meio de diferentes pesquisas. Apesar de tratarem da mesma temática: a afetividade, esses trabalhos trazem uma perspectiva diferenciada, uma do professor e outra do aluno e todos reforçam a importância de uma boa relação entre professor e alunos na facilitação da aprendizagem.

Um dos trabalhos analisados foi de autoria de Thatiana Segundo (2007) “Afetividade no processo de ensino-aprendizagem: a atuação docente que facilita ou dificulta a aprendizagem” e nessa pesquisa feita em uma escola particular, concluiu-se que a questão afetiva pode ser mola propulsora da aprendizagem, mas as estratégias de ensino adotadas pelo professor também a favorecem, pois possibilitam maior envolvimento do aluno com o conteúdo, assim como demonstram de que forma o professor se relaciona com o conhecimento.

Acredito que este presente trabalho poderá acrescentar mais informações aos já existentes, pois o contexto pesquisado será de escola pública e por meio de um contato direto com o aluno, ou seja, creio que meu trabalho poderá de alguma forma diferenciar-se devido à experiência adquirida em sala de aula.

Sendo assim, o objetivo desta pesquisa é investigar de que forma a relação professor-aluno pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem da Língua Inglesa e desse modo promover uma reflexão por parte do professor para uma transformação pautada na afetividade na sua relação com o discente, possibilitando mudanças no interesse e, possivelmente, um maior comprometimento do aluno, pois este irá perceber nas ações do professor que é valorizado. Logo, por meio desta pesquisa, procuro responder as seguintes perguntas:

- 1) Como lidar com o desinteresse dos alunos e estimular sua participação nas aulas de Língua Inglesa?
- 2) De que forma o relacionamento professor-aluno interfere no processo de ensino e aprendizagem?

Esta pesquisa está organizada em três capítulos: no primeiro, da Fundamentação Teórica, apresento as considerações de alguns autores nos quais me baseei para as reflexões do presente trabalho de pesquisa e para a abordagem de ensino das minhas aulas de observação. No segundo, da Metodologia, apresento

a escolha metodológica, os instrumentos de coleta de dados, a contextualização da escola, os participantes da pesquisa e os procedimentos para a análise dos dados. No terceiro capítulo, temos a Apresentação e Discussão dos dados obtidos nos questionários e nas análises feitas durante as minhas aulas. Finalizam este trabalho as Considerações Finais, Referências Bibliográficas e Anexos.

CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“ Todo mundo não me entende,
eu sofro na tempestade
de um naufrágio adolescente!
Procuro um confidente
que se apoete comigo.
É tão curta a mocidade...
Não tarde! ”

(Silvia Orthof, 2010)

Este capítulo tem por finalidade apresentar os pressupostos teóricos que fundamentam esta pesquisa. Inicialmente, apresentarei o panorama que temos nas escolas públicas do nosso país em relação ao ensino da Língua Inglesa, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais. Na sequência, discorrerei sobre alguns autores que discutem a importância de considerarmos o componente afetivo em sala de aula como elemento motivador para uma aprendizagem significativa.

1.1 A língua estrangeira nos PCNs

O ensino da Língua Inglesa no Brasil sempre foi tratado como algo secundário, tanto em relação ao número de aulas previstas para essa disciplina, quanto à sua importância no currículo se comparada às demais. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) para língua estrangeira, em alguns trechos, nos levam a refletir sobre essa realidade:

“A primeira observação a ser feita é que o ensino de Língua Estrangeira não é visto como elemento importante na formação do aluno, como um direito que lhe deve ser assegurado. Ao contrário, frequentemente, essa disciplina não tem lugar privilegiado no currículo, sendo ministrada, em algumas regiões, em apenas uma ou duas séries do ensino fundamental. Em outras, tem o status de simples atividade, sem caráter de promoção ou reprovação”. (M.E.C.,1998, p.24)

Os PCNs (2008) também nos chamam a atenção para as dificuldades em relação ao ensino e aprendizagem de Língua Estrangeira nas nossas escolas: falta de materiais adequados, classes excessivamente numerosas, número reduzido de aulas por semana, tempo insuficiente dedicado à matéria no currículo e a falta de formação para os professores.

Ressalto ainda outro problema enfrentado por nossos alunos do terceiro e quarto ciclo que iniciam a aprendizagem de inglês em um momento delicado de suas

vidas, no qual, de modo geral enfrentam conflitos relacionados às transformações relacionadas ao corpo, à sexualidade, à emoção e à afetividade. (M.E.C.2008, p.53)

Assim, entende-se que diante de tantas adversidades que permeiam nossa rotina como professores de língua estrangeira é papel do professor refletir sobre tal realidade que nos é imposta e de que forma ela dificulta o aprendizado dos nossos alunos. Nesse sentido, ainda de acordo com os PCNs (M.E.C.2008):

É importante que sejam tomadas medidas eficazes para saná-las (as limitações). No entanto, ao se estabelecerem os objetivos, as limitações não podem deixar de ser levadas em conta para se determinar o que é possível fazer para se garantir condições mínimas de êxito, que devem resultar em algo palpável e útil para o aluno. (M.E.C.,2008, p.66)

Dessa forma, pode-se dizer que o professor deva buscar diferentes maneiras que contribuam no sentido de propiciar ao aluno uma aprendizagem mais significativa e que uma dessas soluções estaria ligada a uma dimensão afetiva.

De acordo com os PCNs (M.E.C.2008), em se tratando da aprendizagem de Língua Inglesa, é de extrema importância que se leve em consideração a dimensão afetiva, pois essa situação de aprendizagem tem características que a diferenciam de outras disciplinas. Na aprendizagem de outra língua, existem vários fatores que podem dificultar a aprendizagem: algumas abordagens utilizadas pelo professor envolvem o medo de interagir com o outro e uma possível frustração ao se comunicar.

“Cabe ao professor acompanhar atentamente as reações dos alunos e refletir sobre elas, levando em conta os possíveis efeitos de aspectos decorrentes do domínio afetivo na aprendizagem, em vez de julgá-las apenas pelos desempenhos em testes, por exemplo”. (M.E.C., 2008, p.82)

1.2 Afetividade e ensino-aprendizagem de língua inglesa

Para esta pesquisa, dentre estudos que abordam a questão afetiva relacionando-a com aprendizagem, destaco Carl Rogers, precursor da Psicologia Humanista e criador da Abordagem Centrada na Pessoa. Rogers nasceu em Illinois, Estados Unidos, em 8 de janeiro de 1902 e iniciou sua carreira trabalhando com crianças em psicologia clínica. Praticando métodos convencionais de tratamento e

diagnósticos, aos poucos compreendeu que era melhor deixar ao cliente a direção no processo terapêutico: *“Se posso proporcionar um certo tipo de relação, o outro descobrirá dentro de si mesmo a capacidade de utilizar aquela relação para crescer, e mudança e desenvolvimento pessoal ocorrerão”* (ROGERS, 2009, p.37)

Rogers (2009) define a aprendizagem significativa como sendo aquela que provoca uma modificação, seja no comportamento do indivíduo e na orientação da ação futura que escolhe ou nas suas atitudes e na sua personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimentos, mas transforma o indivíduo como um todo.

O autor defende a ideia de que os educadores também estão interessados nesse tipo de aprendizagem que provoque alterações no comportamento dos alunos. Por este motivo, os docentes poderiam buscar exemplos de investigações feitas no campo da psicoterapia e esses estudos, após algumas adaptações, poderiam oferecer resultados favoráveis também na área educacional.

Segundo Rogers, o professor deveria criar meios que facilitassem o processo de ensino: *“Não podemos inculcar diretamente em outrem um saber ou conduta, o que podemos é facilitar sua aprendizagem”* (ROGERS, 1969, p.101).

O autor aponta dez princípios que regem a aprendizagem significativa:

- 1) O ser humano possui aptidões naturais para aprender.
- 2) A aprendizagem autêntica acontece mais rapidamente, quando o indivíduo busca uma finalidade precisa e quando os materiais didáticos colaboram para isso.
- 3) O aluno tende a resistir a um tipo de aprendizagem que exige de si uma modificação, representando dessa forma uma ameaça.
- 4) A aprendizagem é mais facilmente adquirida e assimilada quando as ameaças são minimizadas.
- 5) Quando o indivíduo se sente pouco ameaçado, a aprendizagem pode acontecer.
- 6) A verdadeira aprendizagem está relacionada à ação.
- 7) A facilitação acontece quando o aluno participa do processo.
- 8) A aprendizagem espontânea que envolve a personalidade do aluno é mais profunda e duradoura.
- 9) A auto-avaliação e a autocrítica facilitam mais a independência, a criatividade e a autonomia do que a avaliação feita por terceiros.

- 10)Do ponto de vista social, a aprendizagem mais importante é aquela que permite ao sujeito estar constantemente disposto a experimentar e a entender o processo de mudança.

Rogers (1969) explica que para que a aprendizagem significativa aconteça, ela deve estar condicionada a certas atitudes positivas na relação pessoal entre aquele que aprende e aquele que ensina, não dependendo da formação do professor, nem dos recursos, muito menos do número de livros utilizados. O autor aponta três atitudes facilitadoras.

1.3 - Atitudes facilitadoras de Rogers

Uma das atitudes apontadas por Rogers (1969, p.19) é a congruência ou autenticidade, ou seja, o caráter verdadeiro do professor-facilitador, que tornará o ensino mais eficaz quando este for mais sincero e que não assuma uma personalidade que não seja a sua, em outras palavras, não adote uma “fachada”. Tal atitude permitirá uma relação de pessoa para pessoa. O autor sugere que o docente deve se mostrar uma pessoa real, podendo ser entusiasta, entediada, interessada nos estudantes, zangada, sensível e simpática, sendo assim, autêntica sem impor esses sentimentos aos seus alunos.

Ainda em relação à autenticidade, Rogers destaca que esta seria a atitude facilitadora mais importante na relação professor-aluno, pois se o docente não aceitar determinadas atitudes dos alunos, será mais viável ser verdadeiro e autêntico.

Duarte (2004), por sua vez, nos chama a atenção para possíveis problemas em algumas situações que envolvem esse tipo de atitude facilitadora. Por exemplo, quando o professor afirma que não consegue conviver com a bagunça da classe, pode-se entender que ele tenha dificuldade de controlar sua turma. Por outro lado, caso o docente assuma um caráter autoritário, as regras não serão claras, muito menos negociadas e os alunos poderão sentir-se ameaçados. Logo a clareza na expressão da verdade é fundamental.

Outra atitude que Rogers (1969, p.110) menciona é a valoração, a aceitação e confiança, ou seja, valorizar aquele que aprende como sendo um ser humano imperfeito, mas que tem sentimentos e potenciais. O professor, desse

modo, respeita o aluno e pode aceitar diferentes sentimentos ao mesmo tempo, como por exemplo, um momento em que o aluno atrapalhe ou outro momento que favoreça o processo de aprendizagem.

“A aceitação implica que se veja o cliente como uma pessoa independente, permitindo-lhe experimentar os seus próprios sentimentos e descobrir o que a sua experiência significa. É na medida em que o terapeuta pode garantir esse clima de segurança e de consideração positiva incondicional que pode surgir no cliente uma aprendizagem significativa.” (ROGERS, 2009, p.326)

Duarte (2004) por sua vez, compreende que a aplicação dessas ideias no contexto educacional exige certos cuidados, como por exemplo, a positividade da consideração tornar-se inadequada em sala de aula, pois a relação professor/ aluno é diferente da relação envolvendo terapeuta/paciente. A autora afirma que nesse caso a atitude mais adequada é a confiança, que por ser menos ameaçadora para o aluno substitui o clima autoritário, e deixa claro que mesmo assim a autoridade do professor não pode desaparecer, pois tal postura faz parte do seu papel de educador.

Rogers (1969, pp.111-112) aponta como terceira atitude facilitadora a empatia, que tem por objetivo a compreensão do outro. É colocar-se no lugar do aluno, ver o mundo como o aluno se vê, sua vida escolar, familiar e as contribuições dessas vivências para o contexto escolar. Na visão do autor, a empatia é uma atitude que dificilmente se encontra nas salas de aula, mas quando ocorre tem um efeito libertador. Quando existe uma empatia sensível, o aluno tem a seguinte reação *“Finalmente, alguém compreende como é que é e parece estar ao meu lado, sem querer analisar-me ou julgar-me. Agora posso florescer, crescer e aprender.”* Cabe ao professor compreender melhor o aluno e seus sentimentos demonstrados ou verbalizados, de modo não avaliativo e evitando fazer julgamentos.

No que tange à empatia, Duarte (2004, p.8) ressalta a escuta ativa, como sendo uma contribuição importante, para que possamos realmente ouvir nossos alunos e testar se o que está sendo dito é o que está sendo compreendido.

A autora compreende que apesar da adoção dessas atitudes facilitadoras no contexto escolar favorecerem a aprendizagem, não podemos supor que o professor deva ser sempre empático e congruente. Afinal, seria negar a natureza

conflitiva do ser humano se aceitássemos o aluno em todas as situações de sala de aula. Assim, explica-se a dificuldade de alguns professores em assumir tais atitudes.

Segundo Duarte (2004), apesar das dificuldades citadas, uma relação de pessoa para pessoa entre professor e aluno é de uma qualidade inegável na busca da autonomia e auto direção, sendo estes os objetivos perseguidos por nós educadores. A autora destaca também que não só a confiança no organismo humano, mas também a tendência à realização são fatores importantes para o uso das atitudes facilitadoras em sala de aula.

Ideia semelhante é defendida por Rogers (2009) no que tange ao surgimento de problemas quando se tenta aplicar as atitudes facilitadoras em sala de aula. Contudo, o autor ao mesmo tempo transfere para o professor a responsabilidade de buscar respostas para esses problemas através de sua própria experiência em sala de aula. O autor ressalta ainda a importância da reflexão para compreendermos o que ocorre no nosso dia a dia seja como educadores, administradores ou psicoterapeutas no que tange à facilitação nas interações pessoais:

“Porque não é das ciências físicas que o futuro depende. É de nós que ele depende, de nós que tentamos compreender e lidar com as interações entre os homens - que procuramos criar relações pessoais de ajuda. Por isso, espero que as questões que levantei a mim mesmo lhes sejam de algum préstimo para compreender e para alcançar algumas perspectivas sobre o que farão para facilitar o crescimento nas suas relações.” (ROGERS, 2009, p.67)

O autor admite que as atitudes que descreve não surgem repentinamente no facilitador da aprendizagem, no caso o professor, mas que se fazem presentes através da ação baseada em hipóteses tentadas. Ele cita exemplos, descrevendo alguns trabalhos de 2 professoras, que, agindo sobre hipóteses de que não tinham certeza e arriscando-se incertamente em novas maneiras de se relacionar com seus estudantes, elas descobrem que esses novos pontos de vista são confirmados pelo que acontece nas aulas. *“Daí acreditar que é somente arriscando-se por esses novos caminhos que o professor pode descobrir, por si próprio, se eles são ou não eficientes, se são ou não para ele.”* (ROGERS, 1969, p.115).

Acredito que os problemas relacionados à aprendizagem ou indisciplina que surgem em sala de aula talvez não desapareçam ao colocarmos em prática as atitudes facilitadoras, mas creio que podemos tentar novos caminhos para conduzi-los, caminhos diferentes daqueles pelos quais um dia nos ensinaram. Devemos nessa busca considerar as várias dimensões, sejam cognitivas ou afetivas, no sentido de diminuir a distância que se criou entre o professor e o aluno.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo apresento a metodologia de pesquisa utilizada para a elaboração deste trabalho. Primeiramente, exponho o tipo de metodologia adotada, em seguida o contexto da pesquisa e na sequência os participantes e os procedimentos usados para coleta e para a análise de dados.

2.1 A Abordagem Metodológica

Esta pesquisa é caracterizada como tendo um paradigma interpretativista, pois segundo Liberali (2011, p.19) “[...] o paradigma interpretativista preocupa-se com interesses práticos, isto é, o conhecedor e o conhecido estão em relação intensa e direta. [...] A compreensão seria, então, a base fundamental desse paradigma”.

Diante do objetivo deste trabalho, que é investigar de que forma a relação professor-aluno pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem da Língua Inglesa, esta pesquisa desenvolveu-se ao analisar um grupo de alunos matriculados na 6ª série, ou seja, um estudo de caso. Segundo Yin (2001), o estudo de caso é definido como sendo uma investigação empírica que: *“investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”*.

Yin (2001) considera que o estudo de caso é utilizado quando se pretende examinar acontecimentos contemporâneos e não há possibilidade de manipulação de comportamentos relevantes.

Liberalli (2011, p.24) corrobora afirmando que esse tipo de estudo busca profundidade e detalhamento, sendo normalmente restrito a um grupo específico e tem por base uma análise qualitativa, por ser preterido e empregado na pesquisa social. Apesar de ser tipicamente qualitativo, o estudo de caso pode utilizar-se de quantificações que contribuirão para uma melhor visualização dos dados.

A autora esclarece ainda que *“o foco essencial do estudo de caso está no interesse pelo caso único e particular que deve ser bem delimitado por características específicas, [...] que deve ser estudado em seu contexto natural”*. (LIBERALI, 2011, p.24)

Yin (2001), afirma que o estudo de caso compartilha várias técnicas utilizadas em outros tipos de pesquisas e acrescenta a elas as observações diretas dos acontecimentos que são estudados e entrevista das pessoas envolvidas. Nesse sentido, foram utilizados para a realização desta pesquisa como estratégia para coleta de dados um questionário e diários reflexivos.

2.1.1 Contexto de pesquisa

Este estudo foi realizado na própria escola onde ministrou aulas de Português e Inglês, uma escola estadual do município de São Paulo, localizada no extremo leste. Esta unidade escolar atende a alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, conta com 1.900 alunos e 44 salas, distribuídas dessa maneira: 15 salas no período da manhã, 15 à tarde e 14 salas à noite.

Os professores, na sua maioria, são efetivos (80%) e os demais contratados. A escola conta com uma diretora, três vice-diretores, três coordenadores pedagógicos, A.P.M. (Associação de Pais e Mestres), Grêmio Estudantil, biblioteca, quadra coberta, sala de informática, sala de vídeo e cantina.

Os dados desta pesquisa foram coletados no período de abril a agosto de 2014, em uma das turmas da 6ª série dessa Unidade Escolar, mais precisamente a 6ª série D, classe essa regularmente matriculada no período da tarde, na qual ministrei aulas de Inglês no ano de 2014.

2.1.2 Participantes da pesquisa

O presente trabalho tem como objetivo compreender se e de que forma a relação professor-aluno pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem da Língua Inglesa, analisando quais atitudes facilitadoras teriam influência no interesse dos alunos aprendizes de uma língua nova. Nesse sentido, escolhi para este estudo de caso a 6ª série D, por se tratar de uma sala que na disciplina de Língua Inglesa apresentava uma média de aproveitamento inferior em relação à média computada nas outras disciplinas (tabela 1), baseando-se nas notas obtidas no 1º bimestre, mas que possivelmente não ofereceria resistência para minhas observações, pois não era uma classe que apresentava muitas ocorrências relacionadas à indisciplina.

Quadro 2.1 – Média de aproveitamento da classe por disciplina

6ª série D – Ensino Fundamental II- 2014	
Média por disciplina em relação à média da turma- 1º Bimestre	
História	7.74
Português	7.27
Educação Física	7.27
Ciências	6.71
Inglês	6.38

A classe mencionada tem 33 alunos matriculados com faixa etária de 12 a 14 anos. Dentre esses alunos, apenas três já cursaram aulas de inglês em escola de idiomas, enquanto que o restante obteve contato com a Língua Inglesa apenas na série anterior, ou seja, na 5ª série. As aulas de Inglês são ministradas nessa turma em um mesmo dia e os ambientes onde as aulas acontecem são a própria sala de aula e, por vezes, na sala de vídeo.

Para a seleção dos participantes desta pesquisa elaborei e apliquei um questionário, com questões que investigavam as percepções dos alunos sobre aprender inglês e quais os motivos que causariam o desinteresse de alguns alunos para o aprendizado da Língua Inglesa. Após a análise das respostas dadas pelos alunos, foram selecionados três alunos para serem observados.

Dentre os alunos escolhidos, apenas um mencionou no questionário que já havia cursado aulas de Inglês fora da rede pública, os três disseram que o conhecimento que tinham da língua inglesa era regular e péssimo, e em relação ao interesse, falaram que se sentiam mais ou menos ou pouco interessados para aprender inglês. Sendo assim, os alunos selecionados para participarem dessa pesquisa foram: aluno 1: Felipe², 12 anos; aluna 2: Gabrielle, 12 anos e aluno 3: Marcos, também com 12 anos.

2.1.3 Instrumentos e procedimentos de coleta

Para o desenvolvimento desta pesquisa utilizei os seguintes instrumentos de coleta: questionário e observação participante. A escolha do questionário se fez necessária para selecionar quais alunos fariam parte do grupo a ser analisado. Com

² Os nomes dos participantes da pesquisa foram trocados para manter o sigilo pessoal.

relação à observação participante ela é pertinente neste tipo de estudo, por ser uma modalidade especial de observação, na qual o observador assume uma postura ativa e participa dos eventos que estão sendo estudados. (YIN, 2001)

De acordo com Spradley (1980), citado por Liberalli (2011), na observação participante, o pesquisador se insere no contexto pesquisado e observa de perto as atividades das pessoas, as características físicas e sociais, assim como a sensação dos participantes. O pesquisador também estabelece focos de observação que o auxiliarão para uma observação mais seletiva.

O questionário foi aplicado para 25 alunos matriculados regularmente na 6ª série D, no dia 22 de abril de 2014. Cabe registrar que a classe conta com mais alunos, especificamente 33 alunos, mas neste dia compareceram apenas 25 alunos.

Nessa data, após informá-los sobre o objetivo da pesquisa e do questionário, foram entregues as folhas com as perguntas e logo após, iniciei a leitura das questões propostas. Ao término de cada questão, eu aguardava que registrassem suas respostas e só então dava prosseguimento à leitura da próxima questão. Tal procedimento fez-se necessário devido ao fato de alguns alunos, nessa faixa etária, não terem familiaridade com este tipo de documento, serem um pouco dispersos, ou até mesmo não dominarem muito bem a leitura.

Após a escolha dos participantes, dei início à observação dos alunos e durante essa etapa elaborei diários reflexivos, instrumentos nos quais eram registradas as aulas, atitudes dos alunos no tocante à realização ou não das atividades propostas, ações da professora e suas reações após intervenção da professora.

Os diários reflexivos foram preenchidos por mim, a própria professora-pesquisadora, no período de abril a agosto de 2014, durante as aulas de Inglês ministradas nessa mesma classe.

2.1.4 Procedimentos de análise

Nesta seção, explico quais foram os procedimentos utilizados para a análise e interpretação dos dados coletados através dos diários reflexivos.

A partir da coleta de dados, com as observações feitas durante minhas aulas na 6ª série D, deu-se início ao processo de análise e interpretação das narrativas constante nos diários. Conforme as orientações de Yin (2001, p.133), que cita como uma das estratégias para a análise de evidências, aquela baseada em proposições teóricas, cada participante foi analisado individualmente em conformidade com a ação realizada pelo professor, segundo a teoria proposta por Rogers e na sequência qual teria sido a reação desse participante como resposta ao estímulo recebido.

Desse modo, a análise dos diários reflexivos teve como ponto de partida a identificação dos verbos de ação. Nesse sentido, os dados coletados permitiram a elaboração de tabelas, que foram separadas por aula, participantes, atitudes do professor e reação dos alunos após a implementação de ações relacionadas às atitudes facilitadoras da aprendizagem, conforme se observa no quadro abaixo:

Quadro 2.2 – Verbos de ação: professor e aluno

Atividade: Describing different sports Data: 29/04/2014		
Ação do Professor/ reação do aluno		
FELIPE	GABRIELLE	MARCOS
<i>CHAMEI-O</i> pelo nome <i>QUESTIONEI-O</i> sobre a atividade. <i>RETORNEI</i> , para verificar se tinha conseguido realizar.	<i>AJUDEI-A</i> no entendimento do exercício.	<i>DEI ATENÇÃO</i> e <i>EXPLIQUEI</i> novamente.
<i>FINALIZOU</i> a atividade.	Apesar da demora, <i>CONSEGUIU TERMINAR</i> a atividade proposta.	Apesar da dificuldade, <i>CONCLUIU</i> a atividade.

Na sequência, separei os dados para uma melhor visualização e identificação de elementos que revelassem possíveis respostas para meus questionamentos presentes nesta pesquisa, levando em consideração o embasamento teórico já citado.

Analisando a primeira pergunta de pesquisa, “Como lidar com o desinteresse dos alunos e estimular sua participação nas aulas de Língua Inglesa?”, posso relacionar algumas ações minhas como professora que possivelmente contribuam para que o aluno perca o sentimento de desinteresse pela disciplina.

Na segunda pergunta de pesquisa: “De que forma o relacionamento professor-aluno interfere no processo de ensino e aprendizagem?”, acredito que é possível obter respostas, considerando as ações/verbos como as citadas no quadro acima, (**chamando-o, questionando-o, ajudando-o ou explicando**) e analisando a reação do aluno, a fim de verificar como elas refletem no processo de ensino e de aprendizagem.

Após ter descrito a abordagem metodológica, o contexto, os participantes, os procedimentos e instrumentos de coleta, assim como os procedimentos de análise e interpretação de dados, passo para o capítulo de apresentação e discussão dos resultados.

CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A mágica presença das estrelas!
(Mário Quintana, 2007)

Neste capítulo, apresento os resultados obtidos por meio dos instrumentos utilizados e os interpreto com base na teoria da afetividade citada neste trabalho.

Tendo em vista que o objetivo desta pesquisa é compreender se e de que forma a relação professor-aluno pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem da Língua Inglesa e desse modo promover uma reflexão por parte do professor no sentido de relacionar a afetividade como um elemento motivador e agente de mudanças no interesse e aprendizado do aluno, busco através dos resultados obtidos, responder as seguintes perguntas:

- 1) Como lidar com o desinteresse dos alunos e estimular sua participação nas aulas de Língua Inglesa?
- 2) De que forma o relacionamento professor-aluno interfere no processo de ensino e aprendizagem?

Tendo como base tais perguntas, para a análise de dados, dividi este capítulo em duas seções: uma para o questionário e outra para as ações e reações dos alunos obtidas durante as observações. A primeira seção ficou dividida em duas subseções, sendo elas: Relação com a aprendizagem de inglês e Relação com o professor de inglês. A segunda ficou dividida em subseções, uma para cada aluno participante desta pesquisa.

3.1 – Questionário

Para a escolha dos participantes que seriam objetos de análise deste trabalho, apliquei um questionário para a classe. O questionário contava com treze questões, conforme Anexo I, que abordavam os seguintes tópicos referentes à Língua Inglesa: Auto avaliação do conhecimento; nível de interesse para o aprendizado; motivos que causariam dificuldade no aprendizado; características do

professor que contribuiriam para o aprendizado; como deveria ser a relação ideal entre professor e aluno; atitudes do professor que poderiam atrapalhar a aprendizagem; experiência positiva ou negativa na relação com o professor.

Analisando as informações obtidas nesse questionário, selecionei três alunos para participarem dessa pesquisa: aluno 1: Felipe², 12 anos; aluna 2: Gabrielle, 12 anos e aluno 3: Marcos, também com 12 anos. Segue a seguir a transcrição das respostas:

3.1.1 Relação com a aprendizagem de inglês

Dentre os alunos escolhidos, apenas Marcos mencionou no questionário que já havia cursado aulas de Inglês fora da rede pública, os três disseram que o conhecimento que tinham da língua inglesa era regular e péssimo, e em relação ao interesse, falaram que se sentiam mais ou menos ou pouco interessados para aprender inglês.

Quadro 3.1 - Percepção de conhecimento de Inglês

Avaliando meu conhecimento	
Felipe	Regular
Gabrielle	Péssimo
Marcos	Regular

Quadro 3.2 - Percepção de interesse

Meu interesse para aprender inglês	
Felipe	Pouco interessado
Gabrielle	Mais ou menos interessado
Marcos	Mais ou menos interessado

Dentre os motivos que causariam certa dificuldade para a aprendizagem de inglês, os dados abaixo (quadro 3.3) mostram que Felipe e Marcos responderam “*O professor não usar nas aulas rádio, TV, vídeos e internet*”, e outro item assinalado por Gabrielle e Marcos foi “*A apostila ser toda em inglês*”.

Felipe citou fatores como “*A indisciplina dos alunos*” e “*Não gostar de inglês*”, como sendo outros motivos que causariam dificuldade para a aprendizagem de inglês.

Quadro 3.3 - Percepções sobre dificuldades para aprender inglês

Quais motivos podem causar dificuldade para aprender inglês	
Felipe	• O professor não usar nas aulas rádio, TV, vídeos e internet • A indisciplina dos colegas • Não gostar de inglês
Gabrielle	• A apostila ser toda em inglês
Marcos	• A apostila ser toda em inglês • O professor não usar nas aulas rádio, TV, vídeos e internet

Ainda em relação à aprendizagem, foi apresentada outra questão que mencionava quais atitudes assumidas pelo professor poderiam interferir na assimilação dos conteúdos na disciplina de inglês:

Quadro 3.4 – Percepções sobre atitudes do professor que interferem na aprendizagem

Atitudes do professor que atrapalham a aprendizagem	
Felipe	Criticar os alunos
Gabrielle	Gritar com o aluno
Marcos	Não ensinar, não ajudar, não respeitar, não ter paciência

Os dados acima parecem apontar que as atitudes grosseiras do professor, como criticar, gritar e não respeitar, interferem na aprendizagem. As percepções dos alunos citadas no questionário vêm ao encontro do que nos propõe Rogers:

“Aprendizagem que constitui uma ameaça para alguém é mais facilmente adquirida e assimilada quando as ameaças externas são minimizadas. Quando o sujeito se sente pouco ameaçado, a experiência pode ser percebida de maneira diferente e o processo de aprendizagem pode se efetivar.” (ROGERS, 1969, p.114)

Atitudes relacionadas com a didática, ou seja, a forma de ensinar do professor, exemplificadas nas frases “*Não ensinar*”, “*não ajudar*” e “*não ter paciência*” também foram elencadas.

3.1.2. Relação com o professor de inglês

Dentre as características de um professor de inglês que poderiam contribuir para a aprendizagem, as respostas parecem reafirmar o que já foi citado anteriormente. Os alunos tinham várias opções de respostas e poderiam assinalar quantas quisessem: Gabrielle e Marcos escolheram “*Dar atividades com filmes e músicas atuais*”. Outras opções escolhidas por ambos os alunos Felipe e Marcos foram “*Elogiar o aluno quando participa das atividades*” e “*Tirar dúvidas do aluno com paciência*”.

É possível também fazer uma correlação entre o que foi exposto acima e o que foi respondido em outra questão representada no quadro abaixo que trata da relação ideal entre professor e aluno, visto que foi citado que é importante que o professor tenha paciência, não grite, não seja grosseiro, além de fatores relacionados à forma como se ensina, como por exemplo, ensinar bem, não falar que o aluno não aprende e ajudar a falar inglês.

Quadro 3.5 – Percepções sobre a relação ideal professor-aluno

Como deve ser uma relação ideal entre professor e aluno	
Felipe	Ensinar bem, não falar que o aluno não aprende e respeitar
Gabrielle	Não gritar com o aluno por errar
Marcos	Ter paciência, ajudar nas dúvidas, ajudar a falar inglês e não ser grosseira

Na questão que tratava do que o aluno gostava na sua relação com o professor de inglês, foram contempladas pelos três alunos as seguintes respostas: “*O professor o chama pelo nome*” e “*O professor mostra que fica feliz quando você aprende*”. Outros itens escolhidos por Gabrielle e Marcos foram “*O professor se interessa pelos seus problemas pessoais*”, “*O professor senta ao seu lado para explicar a lição*” e “*O professor chama sua atenção em particular em caso de indisciplina*”.

As respostas dos alunos me permitem inferir que a aprendizagem poderá acontecer se atitudes como a valoração e a empatia fizerem parte da sua rotina escolar, conforme aponta Rogers (1969, p.110), ou seja, *“valorizar aquele que aprende como sendo um ser humano imperfeito, mas que tem sentimentos e potenciais”* e (pp.111-112) a empatia, que *“tem por objetivo a compreensão do outro. É colocar-se no lugar do aluno, ver o mundo como o aluno vê, sua vida escolar, familiar e as contribuições dessas vivências para o contexto escolar”*.

Tendo recorrido sobre as questões abordadas no questionário e as respostas obtidas, passo para a discussão das ações da professora e reações demonstradas pelos alunos durante as observações.

3.2 – Ações da professora e reações dos alunos

3.2.1 – Felipe

Felipe parecia ser um aluno tímido, não levantava da carteira e conversava apenas com um colega que sentava próximo. Durante as aulas, a princípio me dirigia a ele, chamando-o pelo nome, perguntando-lhe se estava bem e ele sempre respondia que sim, não demonstrando muito seus sentimentos, dando por encerrado o assunto. Então eu o questionava sobre a atividade, se havia dúvidas e se eu podia ajudá-lo.

Aula do dia 29/04/2014

Professora: *“Chamei-o pelo nome, perguntei se estava bem e ele respondeu que sim. Questionei sobre a atividade e percebi que não havia terminado. Perguntei-lhe se tinha dúvidas e ele disse que sim. Expliquei-lhe novamente e falei para ele tentar fazer, que com certeza iria conseguir terminar. Após algum tempo retornei e verifiquei que ele finalizara os exercícios”*.

Como se pode verificar por ocasião da análise das minhas ações, como professora em relação ao aluno Felipe, demonstrada no trecho acima, parece-me que a atitude de valoração *“falei para ele tentar fazer, que com certeza iria conseguir terminar”* teve influência na realização da atividade proposta. No que diz respeito à valoração, Rogers afirma que:

“Trata-se, penso eu, de valorizar aquele que aprende, os seus sentimentos, as suas opiniões, sua pessoa. Trata-se de lhe demonstrar uma atenção afável sem que seja possessiva. Trata-se de aceitar o outro como uma pessoa distinta, dotada de qualidades próprias”. (ROGERS, 1969, p.109)

Na segunda aula de observação, como não tive tempo para uma abordagem mais direcionada, pois nossa aula terminaria mais cedo (reunião de professores) percebi que devido à ausência de atitudes facilitadoras o resultado foi a não realização do exercício proposto:

Aula do dia 06/05/2014

Professora: *“Nesta data os alunos foram dispensados mais cedo devido a uma reunião marcada pela Direção. Por tal motivo, não foi possível dispensar mais atenção ao aluno em questão e, provavelmente, por não receber tal estímulo não realizou o que foi proposto”.*

Entendi que o aluno Felipe apresentava nesse momento certa aversão pela disciplina de inglês, conforme demonstrou nas respostas dadas no questionário, mas aos poucos foi cedendo aos estímulos praticados por mim. A partir da 3ª aula e durante quase todo o processo seguinte de observação, o aluno demonstrou reações positivas em resposta às atitudes de valoração praticadas pela professora, como podemos verificar nos trechos abaixo:

Aula do dia 13/05/2014

Professora: *“Observei que não seguiu meu comando inicial para a realização da atividade. Sentei-me ao seu lado, conversei questionando-o sobre o motivo da não realização da atividade e expliquei novamente. Ele sempre me escutava em silêncio, mas não dava detalhes dos motivos pelos quais não realizara a atividade. Percebia apenas que aparentemente ele se mostrava feliz por eu estar ao seu lado, pois sorria e não me respondia de forma brusca. Após esta atenção, o aluno respondeu tudo, encerrando a atividade com sucesso”.*

Aula do dia 20/05/2014

Professora: *“Após a explicação da atividade e auxílio com o vocabulário desconhecido, aproximei-me do aluno, perguntando se estava bem e se precisava de ajuda. Respondeu que sim, estava bem e em relação à primeira atividade não precisava, pois já havia terminado, mas em relação à outra sim porque esta*

apresentava muitas palavras em inglês. Fiquei feliz por ele interagir comigo desta vez. Mostrei-me alegre, elogiando-o por ter realizado parte da atividade e disse que iríamos fazer a segunda atividade todos juntos, mas que ele poderia tentar identificando algumas palavras. O aluno pareceu-me feliz com o elogio, demonstrando um sorriso tímido e disse que iria seguir minhas instruções”.

Acredito que a princípio Felipe deve ter estranhado minha insistência, pois ficava meio apreensivo com minha presença ao seu lado, mas aos poucos notei que um clima de confiança se formara, porque já abria um sorriso quando me aproximava dele. Duarte (2004) aponta a confiança como sendo uma das atitudes mais adequadas no contexto escolar, que por ser menos ameaçadora para o aluno substitui o clima autoritário.

Aula do dia 22/07/2014

Professora: “Após explicar, para todos os alunos, o procedimento em relação a como deveriam responder as questões da atividade sobre uma partida de futebol (listening), iniciei a reprodução do áudio e deixei que a realizassem sozinhos. Nesta data não foram realizadas intervenções particulares, pois precisava monitorar a sala para ter uma impressão real do desempenho dos alunos da classe. Mesmo sem ter uma atenção especial, Felipe obteve nota 9 na atividade”.

Aula do dia 29/07/2014

Professora: “Percebo que desde o início da abordagem para a pesquisa, o aluno esforça-se para realizar as atividades, talvez por saber que sempre vou me dirigir à sua carteira e fico feliz porque sinto sua evolução. Tento sempre demonstrar tal percepção seja por meio de elogios orais ou escritos nas suas atividades. Esclareci algumas dúvidas do aluno sobre a forma interrogativa das frases. Felipe teve nota 7 ao terminar a atividade, nota esta que do ponto de vista do rendimento da classe foi boa”.

Aula do dia 05/08/2014

Professora: “Dirigi-me à carteira do aluno e observei que se mostrava interessado, pois estava empenhado em fazer a atividade, respondendo-a sem apresentar dificuldades. Mostrei-me feliz com seu desempenho e elogiei-o Na atividade realizada, obteve nota 8”.

Aula do dia 26/08/2014

Professora: *“Após explicar sobre a atividade a ser realizada que abordava o tema Lazer, perguntei à classe sobre como passavam o tempo livre e aonde iam com a família. Felipe levantou a mão para responder, fato que me deixou surpresa devido à sua timidez aparente. Disse que viajava, às vezes, com a família. Perguntei se iam visitar parentes ou só visitavam o lugar. Ele disse que os dois e que quando não tinham parentes, ficavam hospedados em um hotel”.*

Percebi que sua participação neste momento foi importante, pois o aluno normalmente se mostrava inibido e neste dia ficou muito empolgado com o fato de compartilhar suas experiências pessoais com a classe. Este trecho da observação confirma o que nos propõe Rogers (1969, p.111-112) quando aponta a empatia como terceira atitude facilitadora:

“É colocar-se no lugar do aluno, ver o mundo como o aluno se vê, sua vida escolar, familiar e as contribuições dessas vivências para o contexto escolar. Quando existe uma empatia sensível, o aluno tem a seguinte reação “Finalmente, alguém compreende como é que é e parece estar ao meu lado, sem querer analisar-me ou julgar-me. Agora posso florescer, crescer e aprender”.(ROGERS,1969,p.111-112)

Tendo percorrido sobre as reações do aluno Felipe, passo a comentar e analisar as descrições referentes à aluna Gabrielle.

3.2.2 – Gabrielle

Gabrielle se mostrava aparentemente comunicativa com alguns colegas da classe e tinha muita dificuldade em relação ao conteúdo das aulas de inglês. Aos poucos foi se apegando a mim como professora devido às diversas vezes em que me pus ao seu lado dando-lhe atenção. Analisando as reações da aluna, me vejo diante de duas situações diversas, uma de resultados positivos, ou seja, de aprendizagem na qual notei que a aluna obteve um rendimento considerável e outra não muito satisfatória.

É possível notar que em vários momentos, em que a professora demonstrou valorização e empatia no relacionamento com a aluna, houve certo progresso em relação à realização das atividades propostas. Nesse sentido, Rogers considera que:

“Se cada professor considerasse a tarefa de esforçar-se por reagir, uma vez por dia, de modo não avaliativo, aceitante, empático, aos sentimentos demonstrados ou verbalizados de um estudante, acredito que descobririam o potencial deste tipo de compreensão atualmente quase não existente”. (ROGERS, 1969, p.112)

Os seguintes excertos indicam algumas percepções do progresso de Gabrielle em relação à realização das atividades propostas:

Aula do dia 29/04/2014

Professora: *“Mostrei-me disposta a ajudá-la no entendimento do exercício, questionando-a se poderia ajudá-la e como ela disse que sim, expliquei novamente. Após um tempo, retornei à sua carteira, demonstrando interesse em seu pequeno progresso. Apesar da demora na realização, devido à aparente dificuldade de assimilação, a aluna conseguiu terminar a atividade”.*

Aula do dia 13/05/2014

Professora: *“Gabrielle seguiu o comando estabelecido no início da atividade, mas disse que não entendia muito bem inglês e por tal motivo não havia terminado. Após alguns questionamentos, observei que realmente, a aluna apresentava dificuldades. Então, sentei-me ao seu lado e expliquei novamente dizendo que era fácil e que ela iria conseguir fazer. Ela sempre precisava de uma atenção mais especial e apenas dessa forma, às vezes, conseguia compreender e realizar o que era proposto”.*

Aula do dia 20/05/2014

Professora: *“A aluna conversava com a colega, quando me aproximei dela. Questionei-a sobre as atividades e ela disse que assinalara apenas o que entendera. Novamente frisou a dificuldade que tinha com o inglês. Eu disse que tudo bem, que a ajudaria no entendimento das demais palavras e que a outra atividade faríamos juntos com a classe. Apesar da não afinidade com o inglês, a aluna se empenhou na realização da atividade devido à atenção que lhe fora dada, pois finalizou a primeira parte dos exercícios”.*

Aula do dia 15/07/2014

Professora: *“Perguntei-lhe se estava bem e ela disse que sim. Sobre a atividade, questionei se havia dúvidas e ela disse que não havia entendido. Questionou de que*

lugar era para consultar as palavras que usaria na atividade solicitada. Eu disse que era das situações de aprendizagens da apostila e mostrei a ela as páginas que deveria consultar. Ela disse que tentaria terminar”.

Aula do dia 22/07/2014

Professora: “Após explicar, para todos os alunos, o procedimento em relação a como deveriam responder as questões da atividade sobre uma partida de futebol (listening), iniciei a reprodução do áudio e deixei que a realizassem sozinhos. Nesta data não foram realizadas intervenções particulares, pois precisava monitorar a sala para ter uma impressão real do desempenho dos alunos da classe. Mesmo sem ter uma atenção em particular, Gabrielle obteve nota 6 na atividade”.

Aula do dia 12/08/2014

Professora: “Hoje ela foi o foco das atenções. Como já citado anteriormente, a aluna apresenta muita dificuldade para terminar as atividades e por tal motivo e também pelo baixo desempenho apresentado na aula anterior, dediquei mais tempo ao seu lado. Acredito que devido ao meu auxílio mais intenso nesta aula, a aluna teve um progresso considerável, pois conseguiu finalizar o que eu tinha proposto”.

Outros dados abaixo revelam, primeiramente, que a aluna apresentava no início da observação, ou seja, na aula do dia 06/05/2014 certa dificuldade para compreensão da atividade e como não houve tempo hábil para uma intervenção mais direcionada por parte da professora, percebemos que a aluna não se interessou na realização da atividade proposta.

Aula do dia 06/05/2014

Professora: “Nesta data os alunos foram dispensados mais cedo devido a uma reunião marcada pela Direção. Por tal motivo, não foi possível dispensar mais atenção à aluna e, provavelmente, por não receber tal estímulo também não terminou o exercício”.

Analisando a segunda descrição, verificamos que mesmo a professora utilizando-se das abordagens citadas anteriormente, a aluna apresentou dificuldades na realização das atividades, conforme mostram os trechos apresentados:

Aula do dia 29/07/2014

Professora: *“A aluna apresenta muita dificuldade e sua dispersão também colabora, pois frequentemente conversa com os colegas próximos a ela. Mesmo com a atenção dada pela professora e suas explicações, a aluna não teve um bom desempenho na realização da atividade, tendo nota 3”.*

Como pode ser constatado nas descrições acima, observa-se que apesar de existir certa empatia na relação estabelecida, e a professora se mostrar disposta a explicar a atividade sem fazer julgamentos relacionados à sua aprendizagem, essas atitudes não foram suficientes para preencher todas as lacunas aparentes. Acredito que seriam necessários outros recursos como, por exemplo, aulas de reforço e/ou outros recursos didáticos e não apenas as atitudes de valoração e empatia, para que os resultados fossem mais satisfatórios. Os PCNs nos orientam sobre como agir em situações semelhantes:

“A avaliação contínua, fazendo da observação seu principal instrumento e nela diretamente envolvendo o aluno, leva mais em conta as interações sociais desenvolvidas e reguladas do que, por exemplo, a correção. O avaliador se empenha em regular as interações em sala de aula para corrigir rotas de percurso, utilizando um vasto repertório de técnicas sociais, com sensibilidade e percepção dos problemas, a fim de que se crie um clima emocional ótimo”. (M.E.C.1998, p.82)

Acredito que a continuidade desse trabalho em mais longo prazo poderia trazer mais benefícios em relação à aprendizagem e talvez sanar parte dos problemas apresentados pela aluna Gabrielle.

Observando a próxima descrição, a fala da aluna me levou a refletir mais uma vez sobre a importância do papel do professor e suas ações para que o aluno não desista do próprio aprendizado. Rogers (1969, p.114) também ressalta essa importância: *“se confio na capacidade que tem o ser humano de desenvolver a sua própria potencialidade, então posso fornecer-lhe muitas oportunidades e permitir-lhe que escolha o seu próprio caminho e direção, em sua aprendizagem”.*

Segue a descrição e as percepções da aluna em relação à seu aprendizado:

Aula do dia 26/08/2014

Professora: “Ao me aproximar da aluna, percebi que ela estava fazendo a atividade. Fiquei feliz com a autonomia aparente da aluna. Aproveitei para perguntar-lhe sobre as aulas de inglês, no geral como estavam, se ela havia aprendido alguma coisa”.

Gabrielle: “Aprendi muitas palavras, mais que no ano passado. Eu não sou muito boa em inglês, mas a senhora explica quando eu não sei fazer”.

De modo geral, posso afirmar que o uso das atitudes facilitadoras em relação à aluna Gabrielle teve mais pontos positivos do que negativos, pois além do desempenho alcançado em boa parte das atividades, tais ações fizeram brotar um sentimento de proximidade, de apego da aluna para com a professora. Sentia que ela vinha em minha direção toda vez que nos encontrávamos nos corredores da escola, sempre queria me ajudar com os materiais e por vezes perguntava se poderia assistir às minhas aulas de Português ministradas pela manhã, enquanto ela aguardava o início das aulas de tênis de mesa que frequentava nesse período.

Rogers em sua obra, nos alerta sobre os efeitos e possíveis descobertas nesse tipo de relação:

“Os sentimentos – positivos, negativos, confusos – tornam-se parte da experiência da sala de aula. A aprendizagem se transforma em vida, numa vida até mesmo muito viva. O estudante acha-se a caminho, às vezes excitadamente, às vezes relutantemente, de tornar-se um ser em mudança, de aprender”. (ROGERS, 1969, p.115)

Tendo analisado as descrições da aluna Gabrielle, passo a discutir as observações referentes ao terceiro aluno dessa pesquisa.

3.2.3. – Marcos

Marcos era um garoto quieto que só interagiu com os colegas próximos a ele. O aluno faltava esporadicamente, como pode ser percebido na quantidade das descrições relatadas e tal problema tornou-se mais frequente ao final das observações. Ficava feliz quando ele comparecia às aulas e sempre demonstrava preocupação em relação às suas faltas que geralmente eram justificadas como sendo originadas por problemas relacionados à sua saúde.

Os resultados obtidos na análise das minhas ações como professora e das reações do aluno Marcos parecem indicar que no início do processo de observação (aula do dia 06/05) o aluno não demonstrava muito interesse em realizar as atividades propostas. Procurei ajudá-lo, colocando em prática algumas ações citadas pelo próprio aluno no questionário: “Ajudar nas dúvidas” e “ter paciência”.

Nas demais observações, notei que as intervenções feitas propiciaram maior interesse para a realização das atividades propostas. Abaixo, minha análise dos trechos citados:

Aula do dia 29/04/2014

Professora: *“Dei atenção ao aluno, perguntando se tinha dúvidas. O aluno se mostrou muito amigável sorrindo para mim e disse que tinha um pouco de dúvida. Expliquei novamente, incentivando-o a fazer. Apesar de apresentar dificuldades, pois demorou um pouco para realizá-la, concluiu a atividade”.*

Aula do dia 06/05/2014

Professora: *“Nesta data os alunos foram dispensados mais cedo devido a uma reunião marcada pela Direção. Não foi possível dispensar mais atenção ao aluno em questão e provavelmente por este motivo o aluno não tenha concluído toda a atividade”.*

Aula do dia 13/05/2014

Professora: *“Observei que não seguiu a orientação inicial para a realização da atividade, e talvez por este motivo sua apostila apresentasse atividades incompletas. Após questioná-lo sobre a atividade, disse que não tinha entendido. Dei-lhe um pouco de atenção e expliquei novamente. Marcos se comprometeu a terminar”.*

Aula do dia 15/07/2014

Professora: *“Neste dia Marcos estava um pouco disperso conversando com outro colega, e só após minha abordagem com questionamentos sobre a atividade, pediu-me para explicar novamente. Ajudei-o pacientemente, esclarecendo suas dúvidas. Logo após, passou a realizar a atividade proposta”.*

Como pode ser constatado nas análises transcritas acima, posso afirmar que na maioria das interações nas quais nota-se a presença de atitudes relacionadas à valoração, ou seja, de aceitar o aluno com suas dificuldades, explicar de que modo os exercícios pudessem ser resolvidos, independentemente da realização ou não dessas atividades, enfim todas essas ações contribuíram para a criação de um clima de confiança entre professor e aluno. Tais atitudes aparentemente resultaram em uma mudança no interesse e comprometimento do aluno para a realização do que foi proposto pela professora. Sobre a aceitação/valoração, Rogers (1969) afirma que:

“É uma confiança básica – a crença de que essa outra pessoa é, de algum modo, fundamentalmente digna de confiança. Quer o chamemos apreço, aceitação, confiança, ou qualquer outro nome, o sentimento se mostra numa variedade de maneiras observáveis” (ROGERS, 1969. p.109)

Aula do dia 29/07/2014

Professora: *“Tem bom rendimento, apesar de perceber que o aluno apresenta certa morosidade na realização das atividades, necessitando algumas vezes de maior atenção e uma explicação mais direcionada. Nesta data obteve nota 8 na atividade proposta”.*

Após a aula descrita acima, a responsável pelo aluno Marcos esteve presente na Unidade Escolar, para justificar as faltas do filho. Também se mostrou um pouco aflita e preocupada com algumas notas do aluno. Mencionei que o aluno, por vezes, se mostrava distante e em alguns momentos demonstrava um pouco de apatia. Mostrei-lhe algumas atividades, justificando o baixo desempenho obtido no 1º bimestre, mas disse-lhe que havia percebido uma melhora considerável e como Marcos era um aluno esforçado poderia recuperar as notas. Ela informou que o garoto estava passando por consultas médicas e fazendo alguns exames e por tais motivos precisava faltar algumas vezes. A princípio, seu problema parecia ser anemia.

Refletindo sobre o relato da mãe, pude compreender algumas dificuldades apresentadas pelo aluno que influenciavam seu aprendizado. Rogers (1969, pp.111-112) aponta como atitude facilitadora a empatia, que tem por objetivo a compreensão do outro. É colocar-se no lugar do aluno, ver o mundo como o aluno se vê, sua vida escolar, familiar e as contribuições dessas vivências para o contexto

escolar. Nesse sentido, Duarte (2004, p.8) pondera ressaltando a escuta ativa, como sendo uma contribuição importante, para que possamos realmente ouvir nossos alunos.

Aula do dia 26/08/2014

Professora: *“Percebi ao me aproximar do aluno que devido às suas faltas, nesta data ele se preocupou em atualizar a apostila. Sentei-me ao seu lado e perguntei-lhe sobre sua saúde e ele disse estar bem, tinha feito alguns exames e que ainda iria voltar ao médico”.*

Outro aspecto importante, e também relacionado às atitudes empáticas, está presente nos seguintes discursos: “Sentei-me ao seu lado” e “Perguntei-lhe sobre sua saúde”, pois observei que essas atitudes também contribuíram para a construção de um ambiente propício à aprendizagem.

Em relação ao aluno Marcos, depois de encerrado o período de observação, tive informações muito preocupantes em relação à sua saúde, pois seus exames diagnosticaram realmente problemas referentes à anemia e que outro quadro pior havia se formado. O aluno estava com leucemia e não pode comparecer mais às aulas até o final do ano letivo, pois já iniciara tratamento necessitando de internação. Entrei em contato algumas vezes com a mãe para saber de seu estado clínico e até o fechamento desta pesquisa Marcos estava em tratamento, por vezes na enfermaria e outras precisando de cuidados na U.T.I.

Por meio da análise das ações dos participantes, percebi que as atitudes facilitadoras defendidas por Carl Rogers e adotadas por mim influenciaram de maneira positiva no interesse e desempenho de pelo menos dois alunos participantes desta pesquisa.

Em relação à aluna Gabrielle, observei que minhas atitudes de demonstrar interesse pelo seu aprendizado ou me mostrar disposta a explicar quantas vezes fossem necessárias colaboraram para que ela compreendesse boa parte do conteúdo transmitido, mas alguns fatores contribuíram para que os resultados nas avaliações não fossem favoráveis: a dispersão e a dificuldade na assimilação dos conteúdos. Contudo, posso afirmar que todo esse trabalho teve

pontos positivos, pois se iniciou uma relação pessoal muito boa entre nós que poderia influenciar posteriormente no aprendizado da aluna.

Esse resultado vem ao encontro do que nos propõem os PCNs (M.E.C. 2008.p.66) em relação às limitações presentes em nossa rotina como professores, onde se devem garantir condições mínimas de êxito no aprendizado do aluno, e que tais ações resultem em algo útil para ele.

Analisando os dados obtidos, parece-me possível dizer que tanto a aceitação/valoração quanto a empatia tiveram influência nas reações dos alunos analisados.

Vale ressaltar que considerava que atitudes relacionadas à autenticidade se fizeram ausentes na minha postura como professora. Contudo, após refletir sobre essa experiência, acredito que a autenticidade surgiu gradativamente na minha relação com essa classe, à medida que aprendi a gostar dos alunos, até dos mais indisciplinados, pois quando necessário chamava-os e orientava-os à respeito de suas atitudes. Sentia boa receptividade por parte dos alunos, fato que me deixava à vontade para ser eu mesma e expressar meus verdadeiros sentimentos. Rogers nos fala sobre esse sentimento:

“Só lentamente se pode aprender a ser verdadeiramente real, porque, primeiro, deve-se estar próximo dos próprios sentimentos, ser capaz de estar cômico deles. Então, deve-se de querer correr o risco de partilhá-los tal como são, dentro de nós, sem disfarçá-los de julgamentos ou atribuí-los a outras pessoas”. (ROGERS, 1969, p.114)

Dessa forma, entendo que a apresentação e discussão dos resultados contribuíram para responder as perguntas dessa pesquisa, pois em relação à primeira pergunta “Como lidar com o desinteresse dos alunos e estimular a participação nas aulas de Língua Inglesa?”, posso afirmar que as atitudes facilitadoras de Carl Rogers tiveram influência na mudança de postura apresentada inicialmente pelos alunos observados que se sentiam “mais ou menos interessados” e “pouco interessados”.

Em relação à segunda pergunta “De que forma o relacionamento professor-aluno interfere no processo de ensino e aprendizagem?”, posso concluir que o uso das atitudes facilitadoras promoveu um despertar nos alunos e

consequentemente na assimilação dos conteúdos, contribuindo para a criação de um ambiente favorável à aprendizagem.

Após ter apresentado e discutido os resultados, concluo aqui este capítulo e em seguida passo para as considerações finais pertinentes a esta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação pública passa por momentos nos quais os profissionais desta área necessitam de respostas que visem anemizar a realidade enfrentada em sala de aula com nossos alunos, pois há diversos aspectos que impedem o desenvolvimento e o aprendizado desses indivíduos que passam pela escola.

Observam-se, por parte desses professores, sentimentos de descrença em si próprios e incapacidade de produzir transformações no seu fazer pedagógico e era dessa maneira que eu me encontrava antes de iniciar esta pesquisa.

Por meio do curso “Práticas Reflexivas Ensino-Aprendizagem de Inglês na Escola Pública” e dos módulos que abordavam vários autores e temas relacionados ao dia-a-dia do professor, identifiquei vários pontos em comum com essa realidade e passei a refletir sobre e relacionar as propostas teóricas desses autores com minha prática pedagógica.

Com o desenvolvimento desta pesquisa, pude me apropriar um pouco da realidade dos meus alunos dentro e fora da sala de aula, dos seus problemas e suas carências. Houve uma aproximação afetuosa entre a professora e os educandos, com a implementação das atitudes facilitadoras propostas no módulo sobre a afetividade, contexto que contribuiu para o desenvolvimento desta pesquisa assim como da proposta curricular.

De posse dos resultados obtidos, posso considerar pontos convergentes os que se referem às atitudes consideradas empáticas e de valoração (ROGERS,1969), pois a aplicação dessas ações contribuíram para uma melhoria no interesse dos alunos participantes da pesquisa, que a princípio se mostraram desinteressados, conforme o questionário aplicado (anexo I), para o aprendizado de inglês.

Outro dado importante e divergente é que apenas essas atitudes não foram suficientes para atingir resultados 100% positivos, conforme se pode observar em algumas situações de ensino-aprendizagem relatadas por mim. Apesar de ter-se estabelecido uma relação de pessoa para pessoa entre mim e Gabrielle, penso que não ocorreu o aprendizado que eu esperava. Acredito que outros recursos devem

ser considerados para que se atinja um resultado mais favorável, sejam eles aulas de reforço, espaços adequados para a utilização dos recursos midiáticos e/ou materiais didáticos mais interessantes.

Vale destacar que durante este processo, considerei duas situações como sendo obstáculos. Em primeiro lugar, o fato de não conseguir administrar o conteúdo ao mesmo tempo em que fazia as intervenções e anotações, pois a quantidade de alunos por classe e a indisciplina, gerada em alguns momentos, dificultou tais procedimentos. Em segundo, as ausências do aluno Marcos, que prejudicaram algumas observações, mas tal contratempo descobri mais tarde, estava relacionado a problemas relacionados à sua saúde.

Outro aspecto a considerar é que nem sempre é possível usar todas as atitudes facilitadoras em conjunto, mas devemos adequá-las para os diferentes contextos e verificar com quais atitudes o professor se identifica mais, as quais, neste trabalho, foram aceitação e valorização.

Acredito que esse trabalho pode contribuir para os professores que também passam por situações semelhantes e que partilham das mesmas angústias por mim relatadas. Vale ressaltar que alguns colegas de profissão da mesma unidade na qual leciono, após comentários sobre o tema e o que esta pesquisa propunha, já demonstraram interesse para uma mudança de postura na relação com os seus alunos e dessa forma verificar também se ocorreriam resultados positivos.

Por fim, esta pesquisa contempla o objetivo principal do curso “Práticas Reflexivas Ensino-Aprendizagem de Inglês na Escola Pública” (CELANI, 2003) que é o de capacitar o professor para que ele reflita sobre sua prática, assim como ser mediador para uma reflexão junto a outros professores no contexto profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CELANI, M.A.A. (org.). Professores e formadores em mudança: relato de um processo de reflexão e transformação da prática docente. Campinas, Mercado de Letras, 2003.

DUARTE, V.C. Relações interpessoais: professor e aluno em cena. *Psicol. educ.* n.19. São Paulo, 2004

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LIBERALI, F.C. LIBERALI, A.R.A. Para pensar a metodologia de pesquisa nas ciências humanas. *Faculdades Integradas Coração de Jesus*, São Paulo, v. 1, n. 1, p.17-33, 2011.

MEC. Ministério da Educação e do Desporto- Secretaria de Educação Fundamental- *Parâmetros Curriculares Nacionais - Língua Estrangeira*. Brasília, 2000.

ORTHOF, S. *Adolescente Poesia*. Rio de Janeiro: Rovel, 2010.

PERRENOUD, P. *A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

PINTO, M.M. *O inglês no mercado de trabalho do secretário executivo bilíngue: uma análise de necessidades*. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – PUC/SP, 2002.

QUINTANA, M. *Nova antologia poética*. 12. ed. São Paulo: Globo, 2007 (Coleção Mário Quintana)

RAMOS, R. C. G. *Questionário de Análise de Necessidades*. Material produzido para o módulo Refletindo sobre Necessidades e Objetivos do Ensino de Inglês na Rede Pública. Curso de extensão Reflexão sobre a Ação: o professor de inglês ensinando e aprendendo. PUC-SP. São Paulo. 2008. (mimeo).

ROGERS, C. R. *Freedom to learn*. Charles E. Merrill. Columbus, Ohio Publishing Company, 1969

_____. *Tornar-se pessoa*. 6ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

SEGUNDO, T. *Afetividade no processo de ensino-aprendizagem: a atuação docente que facilita ou dificulta a aprendizagem*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2007
http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/23/TDE-2007-07-25T08:21:07Z-3876/Publico/Thatiana%20Segundo.pdf

YIN, R.K. *Estudo de caso: planejamentos e métodos*. 2 ed. Porto Alegre: Bookman. 2001.

ANEXO 1- QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Curso de Especialização
Práticas Reflexivas Ensino-Aprendizagem de Inglês na Escola Pública

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

O objetivo deste questionário é obter informações sobre o processo de ensino-aprendizagem de inglês de alguns alunos da escola pública.

Nome: _____ Data: ____/____/____

Sexo: () Masculino () Feminino Idade: _____ Série: _____
Turma _____

1) Você estudou Inglês no Ensino Fundamental?

a) () Sim Quanto tempo? _____

b) () Não

2) Você fez/faz algum curso de Inglês fora da escola pública?

a) () Sim Quanto Tempo? _____

b) () Não

3) Como você avalia seu conhecimento de inglês?

a) () péssimo b) () regular c) () bom d) () ótimo

4) Você se sente interessado para aprender inglês? Assinale apenas uma alternativa.

a) () altamente interessado

b) () muito interessado

c) () mais ou menos interessado

d) () pouco interessado

e) () nada interessado

5) Caso você tenha escolhido alternativas a e b, você é altamente/ muito interessado para as aulas de inglês, explique o motivo: (assinale mais de uma alternativa se necessário)

- ☐ () As aulas de inglês têm atividades diversas e consigo aprender.
- ☐ () As aulas de inglês me ajudam a entender os jogos de vídeo games.
- ☐ () As aulas de inglês me ajudam a entender músicas em inglês.
- ☐ () As aulas de inglês me ajudam a entender filmes e vídeos em inglês.
- ☐ () As aulas de inglês me fazem entender que inglês é necessário para um futuro crescimento profissional
- ☐ () A atenção dada aos alunos pelo professor nas aulas facilita meu aprendizado.

6) Quais motivos abaixo podem causar dificuldade no seu aprendizado de inglês:

(Assinale mais de uma alternativa se necessário)

- ☐ () a apostila é toda em inglês e traz poucas figuras.
- ☐ () nas aulas de inglês não existe uso de rádio, TV , vídeos, internet, etc.
- ☐ () o jeito do professor dar aulas.
- ☐ () a indisciplina dos colegas.
- ☐ () não gosto de inglês.
- ☐ () não gosto de estudar nenhuma disciplina.
- ☐ () não acho que vou usar inglês no futuro.

7) Indique abaixo as características de um professor de inglês que podem contribuir para aprender a língua, na sua opinião: (assinale quantas alternativas desejar)

- ☐ () dar as instruções das atividades em inglês.
- ☐ () dar atividades com músicas atuais.
- ☐ () dar atividades com filmes atuais.
- ☐ () traduzir textos escritos.
- ☐ () dar exercícios de gramática relacionados aos textos lidos.
- ☐ () manter a disciplina dos alunos nas aulas.
- ☐ () incentivar os alunos a falar inglês por meio de diálogos, conversas e dramatizações.
- ☐ () não criticar erros de pronúncia e de gramática.
- ☐ () não permitir que colegas critiquem quem está falando inglês

() elogiar o aluno quando participa das atividades de inglês.

() tirar dúvidas dos alunos com paciência

8) Escreva como você acha que deve ser a relação ideal entre professor e aluno nas aulas de inglês.

9) Escreva quais atitudes de um professor de inglês podem atrapalhar sua aprendizagem nas aulas de inglês.

10) Você teve alguma experiência positiva na sua relação com algum professor de inglês?

() Não

() Sim Escreva sobre ela _____

11) Você teve alguma experiência negativa na sua relação com algum professor de inglês?

() Não

() Sim Escreva sobre ela _____

12) Nas aulas de inglês, você gosta quando: (Responda sim ou não)

a) O professor o chama pelo nome. Sim () Não ()

b) O professor se interessa pelos seus problemas pessoais. Sim () Não ()

c) O professor cobra sua lição de casa. Sim () Não ()

d) O professor insiste para que você faça as atividades. Sim () Não ()

e) O professor senta ao seu lado para explicar a lição. Sim () Não ()

f) O professor pede para que você repita frases em inglês. Sim () Não ()

g) O professor mostra que fica feliz quando você aprende. Sim () Não ()

h) O professor chama sua atenção na frente dos colegas em caso de indisciplina.

Sim () Não ()

i) O professor chama sua atenção em particular em caso de indisciplina.

Sim () Não ()

13) Como você gostaria que fossem suas aulas de inglês nesta escola?

Muito obrigada por ter respondido a este questionário.

Profa. Simone Serafim Cirino de Souza

Abril de 2014.

Para a elaboração deste questionário, baseei-me nos exemplos apresentados nos trabalhos de Márcia Mathias Pinto (2002) e Rosinda de Castro Guerra Ramos (2008)

ANEXO 2- DIÁRIOS REFLEXIVOS

Diários Reflexivos

Dia:29/04/2014 Atividade: Describing different sports.

Felipe: Chamei-o pelo nome, perguntei se estava bem e ele respondeu que sim. Questionei sobre a atividade e percebi que não havia terminado. Perguntei-lhe se tinha dúvidas e ele disse que sim. Expliquei-lhe novamente e falei para ele tentar fazer, que com certeza iria conseguir terminar. Após algum tempo retornei e verifiquei que ele finalizara os exercícios.

Gabrielle: Mostrei-me disposta a ajudá-la no entendimento do exercício, questionando-a se poderia ajudá-la e como disse que sim, expliquei novamente. Após um tempo, retornei à sua carteira, demonstrando interesse em seu pequeno progresso. Apesar da demora na realização, devido a aparente dificuldade de assimilação, a aluna conseguiu terminar a atividade.

Marcos: Dei atenção ao aluno, perguntando se tinha dúvidas. O aluno se mostrou muito amigável sorrindo para mim e disse que tinha um pouco de dúvida. Expliquei novamente, incentivando-o a fazer. Apesar de apresentar dificuldades, pois demorou um pouco para realizá-la, concluiu a atividade.

Dia: 06/05/2014- Atividade: Olympic games and questions about the text.

Felipe: Não terminou a atividade proposta.

Gabrielle: Também não terminou o exercício.

Marcos: Fez apenas metade das atividades propostas.

Observação: Nesta data os alunos foram dispensados mais cedo devido a uma reunião marcada pela Direção. Devido a este fato não foi possível ministrar a segunda aula e nem dispensar mais atenção aos alunos em questão e por este motivo percebi que estes, por não receberem tal estímulo não realizaram o que foi proposto.

Dia: 13/05/2014 - Atividade: Identification Cards/ Countries and Nationalities.

Felipe: Observei que não seguiu meu comando inicial para a realização da atividade. Sentei ao seu lado, conversei questionando-o sobre o motivo da não realização da atividade e expliquei novamente. Ele sempre me escutava em silêncio, mas não

dava muitos detalhes dos motivos pelos quais não realizara a atividade. Percebia apenas que aparentemente ele se mostrava feliz por eu estar ao seu lado, pois sorria e não me respondia de forma brusca. Após esta atenção, o aluno respondeu tudo, encerrando a atividade com sucesso.

Gabrielle: Gabrielle seguiu o comando estabelecido no início da atividade, mas disse que não entendia muito bem inglês e por tal motivo não havia terminado. Após alguns questionamentos, observei que realmente, a aluna apresentava dificuldades. Então me sentei ao seu lado e expliquei novamente dizendo que era fácil e que ela iria conseguir fazer. Ela sempre precisava de uma atenção mais especial e apenas dessa forma, às vezes, conseguia compreender e realizar o que era proposto.

Marcos: Observei que não seguiu a orientação inicial para a realização da atividade, e talvez por este motivo sua apostila apresentasse atividades incompletas. Após questioná-lo sobre a atividade, disse que não tinha entendido. Dei-lhe um pouco de atenção e expliquei novamente. Marcos se comprometeu a terminar.

Dia: 20/05/2014 – Atividade: Verb Can: “What can you do?”

Felipe: Após a explicação da atividade e auxílio com o vocabulário desconhecido, aproximei-me do aluno, perguntando se estava bem e se precisava de ajuda. Respondeu que sim, estava bem e em relação à primeira atividade não precisava, pois já havia terminado, mas em relação à outra sim porque esta apresentava muitas palavras em inglês. Fiquei feliz por ele interagir comigo desta vez. Mostrei-me alegre, elogiando-o por ter realizado parte da atividade e disse que a segunda atividade, iríamos fazer todos juntos, mas que ele poderia tentar identificando algumas palavras. O aluno pareceu-me feliz com o elogio, demonstrando um sorriso tímido e disse que iria seguir minhas instruções.

Gabrielle: A aluna conversava com a colega, quando me aproximei dela. Questionei-a sobre as atividades e ela disse que assinalara apenas o que entendera. Novamente frisou a dificuldade que tinha com o inglês. Eu disse que tudo bem, que a ajudaria no entendimento das demais palavras e que a outra atividade faríamos juntos com a classe. Apesar da não afinidade com o inglês, a aluna se empenhou na realização da atividade devido à atenção que lhe fora dada, pois finalizou a primeira parte dos exercícios.

Marcos: Não compareceu nesta data.

Dia 27/05/2014- Atividade: Olimpíada de Matemática

Nesta data não houve observação.

Dias 03 e 10/06/2014: Não houve observação (reunião pedagógica e semana de digitação de notas para encerramento do 1º semestre)

Período de 12/06 à 11/07/2014: Férias e Recesso Escolar

Dia: 15/07/2014- Atividade: Vocabulary Log (Elaborar um vocabulário com as palavras que aprenderam)

Felipe: Ausente

Gabrielle: Perguntei-lhe se estava bem e ela disse que sim. Sobre a atividade, questionei se havia dúvidas e ela disse que não havia entendido. Questionou de que lugar era para consultar as palavras que usaria na atividade solicitada. Eu disse que era das situações de aprendizagens da apostila e mostrei a ela as páginas que deveria consultar. Ela disse que tentaria terminar.

Marcos: Neste dia Marcos estava meio disperso conversando com outro colega, e só após minha abordagem com questionamentos sobre a atividade, pediu-me para explicar novamente. Ajudei-o com paciência, esclarecendo suas dúvidas. Logo após, passou a realizar a atividade proposta.

Dia:22/07/2014- Atividade: Listening: "A game of World Cup"

Felipe: Após explicar, para todos os alunos, o procedimento em relação a como deveriam responder as questões da atividade sobre uma partida de futebol (listening), iniciei a reprodução do áudio e deixei que realizassem sozinhos. Nesta data não foi realizada intervenções particulares, pois precisava monitorar a sala para ter uma impressão real do desempenho dos alunos da classe. Mesmo sem ter uma atenção especial, Felipe obteve nota 9 na atividade.

Gabrielle: Após explicar, para todos os alunos, o procedimento em relação a como deveriam responder as questões da atividade sobre uma partida de futebol (listening), iniciei a reprodução do áudio e deixei que realizassem sozinhos. Nesta data não foi realizada intervenções particulares, pois precisava monitorar a sala para ter uma impressão real do desempenho dos alunos da classe. Mesmo sem ter uma atenção em particular, Gabrielle obteve nota 6 na atividade.

Marcos: Ausentou-se.

Dia 29/07/2014 - Atividade: Review Verb to be /Affirmative, negative and interrogative

Felipe: Percebo que desde o início da abordagem para a pesquisa, o aluno esforça-se para realizar as atividades, talvez por saber que sempre vou me dirigir a sua carteira e fico feliz porque sinto sua evolução. Tento sempre demonstrar tal percepção seja através de elogios orais ou escritos nas suas atividades. Esclareci algumas dúvidas do aluno sobre a forma interrogativa das frases. Felipe teve nota 7, ao terminar a atividade, nota esta que do ponto de vista do rendimento da classe foi boa.

Gabrielle: A aluna apresenta muita dificuldade e sua dispersão também colabora, pois frequentemente conversa com os colegas próximos a ela. Mesmo com a atenção dada pela professora e suas explicações, a aluna não teve um bom desempenho na realização da atividade, tendo como nota 3

Marcos: Tem bom rendimento, apesar de perceber que o aluno apresenta certa morosidade na realização das atividades, necessitando algumas vezes de maior atenção e uma explicação mais direcionada. Obteve nota 8 na atividade proposta.

Dia 05/08/2014 - Atividade: Simple Present (do/don't)

Felipe: Dirigi-me à carteira do aluno e observei que se mostrava interessado, pois estava empenhado em fazer a atividade, respondendo-a sem apresentar dificuldades. Mostrei-me feliz com seu desempenho e elogiei-o. Na atividade realizada, obteve nota 8.

Gabrielle: Não compareceu.

Marcos: Não compareceu.

Dia 12/08/2014 - Atividade: Simple Present / 3rd person

Felipe: Não tive tanto contato com o aluno nesta aula. Um pouco antes do término da aula, percebi que ele tinha realizado a atividade pela metade. Perguntei-o se não tinha entendido e ele disse "mais ou menos, não consigo entender muita coisa". Acredito ter dito isso, para justificar a não realização da atividade.

Gabrielle: Hoje ela foi o foco das atenções. Como já citado anteriormente, a aluna apresenta muita dificuldade para terminar as atividades e por tal motivo e também pelo baixo desempenho apresentado na aula anterior, dediquei mais tempo ao seu lado. Acredito que devido ao meu auxílio mais intenso nesta aula, a aluna teve um progresso considerável, pois conseguiu finalizar o que eu tinha proposto.

Marcos: O aluno ausentou-se novamente.

Observação: A responsável pelo aluno Marcos esteve presente na Unidade Escolar, para justificar as faltas do filho. Também se mostrou preocupada com algumas notas do aluno. Mencionei que o aluno, por vezes, se mostrava distante e em alguns momentos demonstrava um pouco de apatia. Ela informou que o garoto estava fazendo alguns exames médicos e que seu problema, a princípio parecia anemia.

Dia 19/08/2014 – Atividade: Avaliação Diagnóstica (Secretaria da Educação)

Nesta data não foram realizadas as observações.

Felipe: Presente

Gabriele: Presente

Marcos: Ausente

Dia 26/08/2014 – Atividade: Leisure in the city

Felipe: Após explicar sobre a atividade a ser realizada que abordava o tema Lazer, questionei à classe sobre como passavam o tempo livre e aonde iam com a família. Felipe levantou a mão para responder, fato que me deixou surpresa devido à sua timidez aparente. Disse que viajava, às vezes, com a família. Perguntei se iam visitar parentes ou só visitavam o lugar. Ele disse que os dois e que quando não tinham parentes, ficavam hospedados em um hotel.

Gabrielle: Ao me aproximar da aluna, percebi que ela estava fazendo a atividade. Fiquei feliz com a autonomia aparente da aluna. Aproveitei para perguntar-lhe sobre as aulas de inglês, no geral como estavam, se ela havia aprendido alguma coisa. Apreendi muitas palavras, mais que no ano passado. Eu não sou muito boa em inglês, mas a senhora explica quando eu não sei fazer.

Marcos: Percebi ao me aproximar do aluno que devido às suas faltas, nesta data ele se preocupou em atualizar a apostila. Sentei ao seu lado e perguntei sobre sua saúde e ele disse estar bem, tinha feito alguns exames e que ainda iria voltar ao médico.